

PROJETO “PASSEIO NA HISTÓRIA DE MARABÁ”: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA

Edna Queiroz de Andrade ¹
Jeane dos Santos Queiroz Oliveira ²
Hugo de Araújo Freires ³
Renan Torres da Costa ⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre o projeto “Passeio na História de Marabá”, tendo, em muitos casos, a falta de acesso aos bens culturais da cidade e própria história municipal. Em razão disso, o projeto foi desenvolvido com o objetivo de promover o acesso à cultura e história local por meio do ensino integrado de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e língua portuguesa escrita (L2) para os surdos. O projeto foi implementado pelos professores do Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez (CAES) da cidade de Marabá, com a participação de alunos surdos e surdos oralizados. A metodologia adotada incluiu atividades práticas e interativas, envolvendo os participantes da pesquisa para intervenção pedagógica, sendo assim caracterizada como uma pesquisa ação (Gil, 2002; Franco, 2005). As visitas ocorreram em locais históricos da cidade, como o Museu Municipal Francisco Coelho, a Biblioteca Municipal Orlando Lobo e a Orla “Encontro dos Rios”, trabalhando com a produção de textos sinalizados em Libras e escritos em português. A partir disso, o trabalho destaca os desafios encontrados, as estratégias utilizadas para promoção da interação dos alunos, o desenvolvimento das habilidades linguísticas em Libras e língua portuguesa escrita e a valorização da cultura e história local. Através desse relato, busca-se contribuir para a reflexão e o aprimoramento de práticas pedagógicas voltadas para a inclusão de alunos surdos tanto na escola, como aos meios culturais, que, por sua vez, não possui acessibilidade comunicacional em Libras para atender ao povo surdo.

Palavras-chave: Libras, Língua portuguesa escrita, Relato de experiência, Bens culturais.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Letras Libras EaD (Bacharelado) da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, especialista em Educação Especial e docente de Língua Portuguesa para surdos oralizados no CAES/Marabá, edna.queirozandrade@gmail.com;

² Especialista em Educação Matemática e em Libras e docente de Matemática no CAES/Marabá, jeanequeiroz1976@gmail.com;

³ Mestrando do Curso de Pós-Graduação Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA e docente Surdo de Língua Brasileira de Sinais no CAES/Marabá, hugoeducacao19@gmail.com;

⁴ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA e Graduando do Curso de Letras – Libras da Universidade do Estado do Pará - UEPA, torres.renan181@gmail.com.

É um direito fundamental para o desenvolvimento social e educacional que todos os sujeitos tenham acesso à cultura e à história local. Todavia, como em muitas realidades, em Marabá, sudeste do estado do Pará, existe uma lacuna na oferta de acessibilidade para as pessoas surdas aos bens culturais e históricos. Os espaços públicos não têm a acessibilidade linguística em Língua Brasileira de Sinais (Libras), não reconhecendo a diferença linguística, além de limitar a participação efetiva dos sujeitos da comunidade surda marabaense e da região dos Carajás, o que ocasiona um prejuízo no desenvolvimento cultural. Com isso, tornam-se essenciais as iniciativas que possam oportunizar aos sujeitos surdos para que possam aprender e valorizar a história e cultura local.

Diante desse contexto, o projeto pedagógico “Passeio na História de Marabá” foi desenvolvido e aplicado pelos professores do Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez (CAES), na cidade de Marabá, nos dias 02 e 03 de abril de 2024, com o objetivo de promover o acesso à história e aos bens culturais da cidade por meio de abordagem que congregasse a prática pedagógica bilíngue em Libras e Língua Portuguesa. Sendo assim, o projeto envolveu os alunos surdos e surdos oralizados nas práticas bilíngues, bem como ofereceu-lhes a oportunidade de explorar os pontos históricos e turísticos da cidade de Marabá no momento de aquisição das habilidades linguísticas, tendo um ensino contextualizado. Esse projeto nasceu de uma necessidade de fazer com que os alunos saíssem dos muros da escola para conhecer na prática a história do município, visto que no dia 05 de abril é comemorado o seu aniversário.

Com isso, o presente artigo apresenta os relatos dos professores sobre a experiência pedagógica vivenciada no passeio a três locais: Museu Municipal Francisco Coelho, Biblioteca Municipal Orlando Lobo e Orla Encontro dos Rios, destacando os desafios encontrados e as estratégias que foram utilizadas para a promoção da interação e a aprendizagem dos alunos com seus pares. Além disso, o pós-passeio, já em sala de aula, foi fundamental para os alunos compreenderem os itens lexicais tanto da Libras (L1) quanto da Língua Portuguesa (L2), bem como nos traz algumas reflexões acerca dos impactos causados a partir dele. Portanto, através deste trabalho, possamos abrir um debate para um aprimoramento das metodologias

aplicadas aos alunos surdos sobre a história local e acesso aos bens culturais que, em muitos casos, não existem acessibilidade linguística e cultural a essa comunidade.

METODOLOGIA

O percurso adotado para guiar este trabalho baseou-se na abordagem na pesquisa ação (Gil, 2002; Franco, 2005), a qual é caracterizada pela intervenção pedagógica e na participação ativa dos sujeitos surdos envolvidos neste processo. A pesquisa ação “é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Thiollent, 1985, p. 14 *apud* Gil, 2002, p. 55). Nesse sentido, o projeto foi planejado e implementado pelos professores de Libras, de Língua Portuguesa, de Matemática e de Práticas de Letramento do Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez (CAES), na cidade de Marabá, envolvendo alunos surdos e surdos oralizados para oportunizar um direito negado pela falta de acessibilidade linguística.

O desenvolvimento das atividades ocorreu em três etapas: a primeira tinha o foco no planejamento das ações pedagógicas; a segunda, na execução das visitas aos pontos históricos/turísticos de Marabá já citados; e a terceira, no *feedback* do ensino e aprendizagem em sala de aula por parte dos alunos. Essas etapas visaram a imersão ao seio cultural marabaense e ao aprimoramento das habilidades linguísticas em L1 e L2.

Os locais selecionados para a implementação do projeto foram o Museu Municipal Francisco Coelho, a Biblioteca Municipal Orlando Lobo e a Orla Encontro dos Rios. Todos os locais ficam localizados no núcleo urbano Marabá Pioneira, também conhecida popularmente como Velha Marabá. A escolha foi fundamentada pela relevância histórica desses espaços para a cidade de Marabá, pois representam o início da formação urbana e cultural. Os locais são marcos significativos que narram o processo histórico da cidade de Marabá, sendo o Museu Municipal Francisco Coelho (antiga Prefeitura e Câmara Municipal), a Biblioteca Orlando Lobo (antigo Mercado Municipal) e a Orla (antigo Pontal), recém-inaugurada, proporciona uma vista do encontro dos rios Tocantins e Itacaiunas.

As visitas ocorreram de maneira alternada, porque o CAES atende os alunos no contraturno do ensino comum. Dessa forma, os alunos visitaram no seu horário habitual, por exemplo, os alunos da W, X, Y e Z visitaram na terça-feira de manhã os três locais, sendo primeiro o Museu, depois a Biblioteca e por último a Orla, e pela parte da tarde os alunos A, B, C, D e E visitaram da mesma forma. Isso também se aplicou para os alunos da quarta-feira.

No decorrer das visitas, os estudantes foram incentivados a interagirem com o ambiente, explorando e descrevendo os elementos que chamaram sua atenção. Além disso, as atividades foram contextualizadas a partir das práticas sociais de linguagem observadas para o intuito de promover o ensino de L1 e L2 de forma simultânea, desenvolvendo as habilidades de escrita e sinalização dos alunos surdos.

Para a coleta de dados, utilizamos os registros das atividades, como produções textuais em Libras dos resumos das lendas, das descrições, dos desenhos e dos relatos dos docentes envolvidos. No entanto, para este trabalho, apresentamos apenas alguns registros fotográficos para expor o trabalho de visita, bem como os relatos de experiência. Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021)

O Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 65).

Assim, foi possível identificar os desafios encontrados e as estratégias que alcançaram sucesso para a promoção da interação e o aprendizado dos estudantes. Ademais, essas reflexões fornecem bases para analisar o desenvolvimento linguístico e na valorização dos bens culturais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua das comunidades surdas do Brasil, reconhecida pela Lei Nº 10.436 de 2002. Na legislação, no Art. 1º, parágrafo único, evidencia que a Libras é uma língua com sua gramática própria, sendo de natureza visual-motora e que permite a transmissão de ideias e fatos das populações surdas.

Dado esse reconhecimento, a Libras é essencial para construção do sujeito surdo, pois é através dessa estrutura linguística, atreladas aos aspectos da cultura surda que os processos identitários são formados. Ela é um elemento chave para o ser surdo. Desse modo, as crianças surdas, ao se perceber sua diferença linguística, devem estar em contato com pares surdos para serem inseridas em contextos linguísticos visuais para adquirir e desenvolver sua língua materna e natural.

Dessa forma, a Libras é considerada uma língua natural, já que as crianças surdas a adquirem de maneira espontânea, sem a necessidade de instrução formal ou treinamento específico. Além disso, ressalta-se que as línguas de sinais não adaptações/derivações das línguas orais, pois elas

São sistemas linguísticos independentes dos sistemas das línguas orais, desmistificando a concepção “e”. São línguas naturais que se desenvolvem no meio em que vive a comunidade surda. As pessoas surdas de uma determinada região encontram-se e comunicam-se através de uma língua de sinais de forma análoga a qualquer outro grupo sociocultural que utiliza a língua falada (Quadros, 1997, p. 46-47).

Diante disso, é cabível afirmar que a Libras deve ser ensinada desde a educação infantil, visto que as crianças surdas passaram pela aquisição da sua própria língua em um contexto linguístico favorável. Ao chegar aos anos iniciais do ensino fundamental, deve-se garantir seu direito em aprender sua língua materna com as primeiras implicações gramaticais da Libras, semelhantemente uma criança ouvinte aprende a língua portuguesa. “A Libras é entendida como fator preponderante na aprendizagem dos estudantes surdos, portanto, é imprescindível que os alunos surdos tenham conhecimentos linguísticos em sua L1” (Granemann, 2017, p. 279).

De fato, temos uma diferença considerável quando se trata de crianças surdas e ouvintes quando chegam à escola. De acordo com Quadros (1997), as crianças surdas nascidas de pais ouvintes não tem a língua materna falada no contexto familiar, o que dificulta seu desenvolvimento linguístico, sendo necessário esse contato em outros ambientes, tais como a escola, caso haja professores sinalizantes ou pares surdos. Por sua vez, ainda segundo a autora, as crianças ouvintes já chegam à escola falando a sua língua materna.

O letramento em Libras adquire uma importância significativa na vida das crianças surdas. É por meio dele que elas compreendem o mundo e desenvolvem outras habilidades linguísticas. “O ensino de Libras como L1 precisa dispor de

referências surdas” (Quadros, 2019, p. 169). Por isso, é importante que haja o ensino de Libras como língua materna para as crianças surdas, primeiramente, para depois aprender outras línguas, sejam sinalizadas ou em modalidades escritas.

Já o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para surdos na modalidade escrita desempenha um papel de grande importância. Através dessa língua, os sujeitos surdos poderão ter acesso a um material vasto de conhecimento, participar de forma eficaz na sociedade e poder dialogar entre os mundos do surdo e do ouvinte. É evidente que não se pode desconsiderar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a língua materna, natural e de instrução dos sujeitos surdos, mas enfatiza-se o domínio na modalidade escrita do português para a garantia de participação e cidadania.

Voltando-se a Lei Nº 10.436/02, no artigo 4º, em seu parágrafo único, é enfatizado que o uso da Libras não substitui o ensino de língua portuguesa na modalidade escrita (Brasil, 2002). Diante disso, vê-se a necessidade, ao ser reforçada de forma institucional, de uma educação bilíngue para os sujeitos surdos, em que os eles devem ser proficientes na sua língua (L1), como também no português escrito (L2) posteriormente.

E os questionamentos pairam sobre como está ocorrendo o ensino de L2 para os alunos surdos, uma vez que o objetivo a ser alcançado é semelhante ao dos sujeitos ouvintes, em que se “deve formar leitores e escritores. Para tanto, o professor deve promover a interação deles com os textos” (Pereira, 2024, p. 23). Todavia, o ensino de L2 para surdos, em muitos casos, encontra muitos desafios, dentre os quais, pode-se destacar que os professores do ensino comum não são fluentes em Libras e por vezes acabam desconsiderando a diferença linguística do aluno, falta de tradutores-intérpretes de línguas de sinais no contexto escolar, falta de adaptação de atividades e de orientações para os professores não sinalizantes e do aspectos metodológicos em sala de aula de aula condizentes com o ensino de segunda língua, na qual os professores de língua materna oral não estão capacitados.

Diante desses percalços, é observado que ainda há um descaso com o ensino de L2 para surdos. Por isso, os professores de português não sinalizantes ao ter acesso a uma produção textual de um aluno surdo tem bastante dificuldade na sua

avaliação, uma vez que não leva em consideração que este é um aprendiz de uma segunda língua. O desconhecimento da língua materna da criança surda, principalmente em sua sintaxe, gera um desconforto ao visualizar a produção escrita em L2 na sua organização frasal, já que se espera um texto na ordem sintática do português.

De fato, para a criança surda ter acesso a sua L2, é necessário que ela tenha já conhecimento de sua L1, pois é a partir da L1 que o sujeito terá a base em sua aprendizagem para poder compreender e criar sentidos nos processos de socioculturais, históricos e ideológicos para a aquisição da sua L2 (Bakhtin, 1999). Isto é, através de Libras que a criança surda criará inferências e produção de sentidos na sua interdiscursividade na aprendizagem do português escrito.

Segundo Quadros (1997, p. 84), a aquisição da L2 precisa de um trabalho sistemático, considerando a realidade do ensino para o aluno surdo e evidenciando “que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda”. Ainda para a autora, são orientadas algumas estratégias para o ensino de L2, de forma tímida,

No caso da criança surda, ela deverá ter contato com a língua escrita através de histórias, de textos, de registros das suas atividades em sala de aula. Inicialmente, tais registros podem ser elaborados pelo professor. Os textos devem apresentar um conteúdo interessante e significativo, além de serem adequados ao nível linguístico dos alunos (Quadros, 1997, p. 96).

Assim, observa-se que as práticas bilíngues para os surdos são eficazes, porque surge de uma necessidade social para a promoção e desenvolvimentos desses sujeitos em sua língua materna e natural, respeitando e valorizando sua cultura baseada na visualidade e nas diferentes identidades, constituindo o que é o ser surdo, bem como oportunizam acesso aos registros escritos de uma língua que tem por modalidade articulatória diferente. Óbvio que concordamos com os estudos já realizados para nos basearmos em aplicar uma metodologia bilíngue, em que a L1 deve ser respeitada e valorizada, para então partirmos para a aprendizagem da L2.

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Nesta seção, apresentaremos os relatos de experiências dos quatro professores que participaram do projeto pedagógico “Passeio na História de Marabá”.

Assim, organizaremos da seguinte maneira: (i) Prof-A, sujeito surdo e professor de L1; (ii) Prof-B, de L2 para surdos; (iii) Prof-C, de Prática de Letramento; e (iv) Prof-D, de Matemática para surdos.

Relato de experiência: Prof-A

Durante o passeio, tivemos uma experiência enriquecedora e significativa, pois permitiu que os alunos surdos visualizassem e interagissem com diversos locais da cidade. Ao caminhar pelas ruas, eles observavam os pontos históricos e culturais e, ao mesmo tempo, faziam perguntas sobre os sinais correspondentes aos objetos e locais que encontravam. Por exemplo, ao avistarem um barco, os alunos perguntavam: “Qual é o sinal para barco?”, e quando se depararam com o rio, queriam saber o sinal para o Rio Tocantins. Com os alunos curiosos, eles perguntavam os sinais dos diferentes locais por onde passávamos, como o Museu, onde um aluno me perguntou: “Qual é o sinal para Museu?”.

Dentro do Museu Francisco Coelho, os alunos puderam visualizar vários objetos históricos, mas notamos a falta de acessibilidade. Não havia tecnologias, como *QR Code's* para oferecer informações em Libras, o que seria essencial para a inclusão da comunidade surda. Apesar de ser um espaço rico em história, ele carecia de sinalizações e explicações em Libras, apresentando apenas textos em Português. Essa ausência de acessibilidade também foi observada em outros locais, como na Orla e na Biblioteca, onde faltavam imagens e sinais em Libras. Ainda assim, os alunos demonstraram interesse, explorando os locais e discutindo entre si os sinais correspondentes aos espaços visitados.

Figura 1. Visita ao Museu



Fonte: os autores.

Ao final da visita, voltamos ao Centro e retomamos o que havíamos aprendido. Perguntamos aos alunos sobre a importância dos locais visitados, e eles começaram a fazer os sinais que aprenderam, como Museu, barco e outros locais e objetos. Esse

processo de aprendizado e atribuição de sinais foi fundamental, pois permitiu que os alunos se apropriassem da experiência de forma significativa, conectando a cultura local com a Libras.

Relato de experiência: Prof-B

No início da semana do aniversário de Marabá, os alunos participaram de uma aula-passeio cultural em Marabá Pioneira, a parte mais antiga da cidade. O objetivo era proporcionar uma imersão prática na história do município, conectando o conteúdo aprendido em sala de aula à experiência real. Ao chegarem ao Museu Francisco Coelho, os alunos aguardaram por sua vez e, quando chamados, foram guiados por um profissional que apresentou as exposições. O passeio permitiu que os alunos visualizassem a evolução de Marabá ao longo dos anos, compreendendo melhor sua formação histórica.

Após a visita ao Museu Municipal, o grupo seguiu para a Biblioteca Orlando Lobo. A equipe local fez uma breve introdução sobre a história do prédio e o funcionamento do referido espaço. Em seguida, os alunos assistiram a uma contação de histórias interpretada em Libras, garantindo total acessibilidade linguística. Ao término da atividade, os alunos expressaram suas impressões por meio de desenhos, criando um painel coletivo que refletiu o impacto da experiência vivida durante o passeio.

Figura 2. Desenho coletivo



Fonte: os autores.

Na segunda aula, os alunos tiveram a oportunidade de relembrar o passeio e discutir suas experiências. Cada um compartilhou algo que considerou importante, seja do Museu ou da lenda contada na Biblioteca. Além disso, foram introduzidos

novos sinais, como os relacionados à bandeira de Marabá e ao encontro dos rios Tocantins e Itacaiunas. A atividade promoveu a integração entre o aprendizado de Libras e a escrita em português, expandindo o vocabulário e conectando as vivências do passeio ao conteúdo de sala de aula.

Na terceira aula, o foco foi trabalhar as palavras e frases aprendidas durante o passeio. O quadro foi preenchido com palavras relacionadas ao passeio, como “Museu”, “Biblioteca”, “Porca de Bobes”, entre outras, e também com frases sobre o aniversário da cidade e suas lendas. No entanto, o tempo não foi suficiente para explorar todas as palavras e sinais, ficando pendentes alguns termos como “Rio Tocantins”, “Marabá” e “Aniversário”, além das frases mais completas.

A quarta aula deu continuidade ao estudo das palavras e frases que não foram concluídas na aula anterior. Retomou-se, então, a explicação dos sinais, reforçando a aprendizagem por meio de datilografia e da leitura das frases. Os alunos tiveram a oportunidade de praticar a leitura sozinhos, apesar de alguns se esquecerem de sinais ao longo da atividade. No final, os que desejaram puderam gravar um vídeo, como registro, demonstrando a leitura, uma forma de consolidar o aprendizado.

Em suma, a aula-passeio cultural foi uma experiência enriquecedora, tanto no aspecto histórico quanto no desenvolvimento de habilidades linguísticas em Libras e português. Ao conectarem o aprendizado teórico ao contexto prático, os alunos puderam explorar a história de Marabá de maneira interativa e acessível, ampliando seu vocabulário e reforçando a compreensão da importância cultural e histórica da cidade.

Relato de experiência: Prof-C

No final do mês de março, os professores do CAES sentiram a necessidade de organizar um projeto de visita a alguns pontos turísticos de Marabá. A ideia surgiu da percepção de que os alunos surdos precisavam de maior interação com a sociedade para melhor desenvolverem suas habilidades sociais e se integrarem ao meio em que vivem. Entre os locais escolhidos, estava o Museu Municipal, um ponto turístico importante, mas ainda desconhecido por muitos dos alunos e até por alguns professores. Para mim, como docente, foi uma experiência nova e enriquecedora, pois eu também não havia visitado esse espaço antes.

No Museu, o que mais chamou a atenção foram as cores vibrantes das exposições, especialmente as representações de animais e suas belezas naturais. As demonstrações de cavernas, suas pinturas rupestres e as tecnologias apresentadas também se destacaram, criando um ambiente fascinante para todos. O passeio não apenas enriqueceu o meu olhar sobre a história da cidade, mas também proporcionou uma nova perspectiva para os alunos, que se mostraram interessados e curiosos em cada detalhe que o Museu oferecia.

Enquanto docente, observei o impacto positivo que essa experiência teve nos alunos surdos, especialmente aqueles que estão em processo de oralização. Mesmo com algumas dificuldades na comunicação, eles demonstraram um grande interesse em interagir e perguntar sobre os objetos e exposições, participando ativamente do projeto. A tentativa constante de diálogo, seja por meio de sinais ou da observação, mostrou o quanto a visita foi valiosa para eles. O projeto criou um espaço de aprendizado e troca, tanto entre os alunos quanto entre os professores. Além disso, teve a ida ao novo ponto turístico, que foi a Orla Encontro dos Rios.

Figura 3. Visita à Orla Encontro dos Rios



Fonte: os autores.

Ao longo da visita, foi evidente o quanto os alunos ficaram encantados com o que viram, especialmente as fotos, os animais expostos e as representações das cavernas antigas de Marabá. Cada sala do Museu despertou neles uma nova curiosidade, e eles reagiram com entusiasmo e emoção. Como sujeitos de uma língua visual, os alunos surdos enxergam as imagens de uma forma única, transmitindo seus sentimentos e experiências de forma intensa, o que reforçou a importância de projetos que os conectem aos bens culturais e históricos de sua cidade.

Relato de experiência: Prof-D

Na parte da manhã, os alunos surdos foram acolhidos pelos funcionários da Biblioteca Municipal Orlando Lobo, onde aprenderam sobre a história da instituição e sua importância cultural para a cidade. A acessibilidade linguística foi garantida por meio dos tradutores-intérpretes de Libras, permitindo que todos os alunos compreendessem as explicações. Eles exploraram os diferentes espaços da biblioteca e aprenderam sobre sua função como centro de conhecimento, reforçando a importância desse ambiente em suas vidas.

Figura 4. Visita à Biblioteca



Fonte: os autores.

Durante a visita, os alunos também conheceram o escritor e poeta Adão Almeida, que compartilhou sua inspiradora trajetória de vida. O poeta, que retomou os estudos aos 40 anos, é hoje um autor respeitado e um exemplo de perseverança. A história serviu como um incentivo aos alunos, que passaram a refletir sobre o valor da educação e da dedicação na busca de seus sonhos. A presença de Adão foi um destaque motivacional, inspirando os estudantes a valorizarem o aprendizado contínuo.

No período da tarde, os alunos participaram de atividades artísticas relacionadas às lendas amazônicas presentes na cidade, como a da Boiuna e da Porca de Bobes. Essas histórias foram contadas de maneira interativa, sempre com o auxílio de Libras. Após a contação, os alunos expressaram suas impressões por meio de pinturas, incentivando a criatividade e a interpretação pessoal das lendas. A atividade permitiu uma integração entre a cultura local e o desenvolvimento cognitivo dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem lúdica.

De volta à sala de aula, os alunos compartilharam suas impressões sobre o passeio, revisando os sinais em Libras e a escrita em português. A visita à Biblioteca de Marabá foi um sucesso tanto no aspecto cultural quanto educacional. As histórias, as atividades artísticas e o encontro com Adão Almeida contribuíram para o

enriquecimento do vocabulário e da expressão cultural dos alunos, reforçando o aprendizado de maneira significativa e divertida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância do projeto “Passeio na História de Marabá” proporcionou uma experiência pedagógica significativa para o aprendizado bilíngue, em L1 e L2, para os alunos surdos e surdos oralizados. Por intermédio da abordagem bilíngue, foi proporcionado aos alunos o desenvolvimento das habilidades linguísticas, bem como do acesso aos bens culturais presentes na sociedade marabaense. Bens culturais estes que foi observado que ainda não têm uma acessibilidade linguística presente. Com isso, as atividades práticas executadas durante as visitas permitiram uma experiência rica não só na questão da aprendizagem, mas também na interação entre os pares, valorizando sua identidade linguística e cultural.

Por fim, este relato de experiência aponta para a necessidade de novos olhares que possam aprofundar as metodologias de ensino bilíngue de forma contextualizada, interativa e prática. Além disso, possa despertar ideias para outros projetos que possam ter como foco o desenvolvimento linguístico, histórico e cultural para os sujeitos surdos. Nesse sentido, o presente trabalho esperar servir de incentivo para próximos debates e reflexões das práticas pedagógicas voltadas à comunidade surda.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à colaboração para a realização deste projeto pedagógico às gestões do Museu Municipal Francisco Coelho e Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo por abrirem seu espaço para um momento importante na vida educacional dos alunos Surdos do município de Marabá.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANEMANN, Jussara Linhares. Língua Brasileira de Sinais: Libras como L1 para estudantes surdos nos anos iniciais do ensino fundamental. **REVELLI**, v. 9, n. 2, Jun., p. 270-282, 2017.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Praxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez., 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 12 de ago. de 2024.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Aprendizagem da língua portuguesa por crianças surdas. *In*: FERNANDES, Sueli; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araújo. **Português escrito para surdos**. São Paulo: Parábola, 2024.